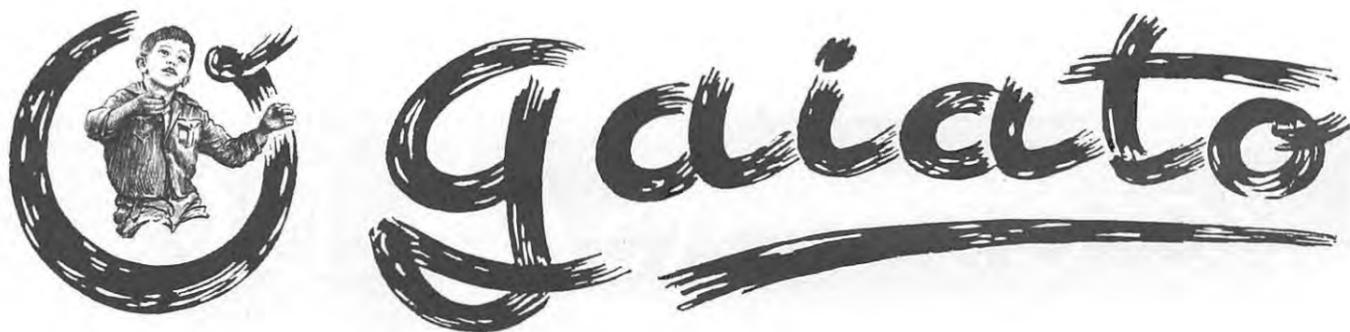




PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRI-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

18 de Março de 2006 • Ano LXIII • N.º 1618
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Casa do Gaiato de Lisboa

PARA afastar a tristeza que hoje me invade, saboreio a expressão do salmista cuja Fonte é inesgotável: «A alegria do Senhor é a nossa fortaleza».

Neste mar de lágrimas, venho comunicar aos nossos Amigos que fui obrigado a entregar à Diocese de Lisboa o que foi e era a Casa do Gaiato, situada no Tojal.

A falta de vocações heróicas, capazes de arriscar a própria vida para a ganhar, naquele doce convite do Mestre: — «Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos Pobres e segue-Me», forçou-nos a entregar ao Patriarcado toda a riqueza espiritual, apostólica, pedagógica e material da Casa do Gaiato de Lisboa.

Numa Sociedade instalada e, numa Igreja que vai perdendo os carismas fundamentais da Evangelização, como a pobreza, a aventura evangélica, a confiança na Providência, a conquista da humildade, etc., e se vai contentando com intervenções teóricas de religião e filosofia, sem exemplos vivos marcantes, não tínhamos outra saída.

O montão de ruínas em que então se encontrava o Palácio dos Arcebispos em Santo Antão do Tojal e a quinta coberta de silvas, transformaram-se em casas habitáveis onde se construiu depois uma Aldeia com escolas, capela, campo de futebol, ringue de patinagem, um pavilhão desportivo, piscina, etc., tudo feito pelos Rapazes e a pobreza dos Padres da Rua.

O Padre Adriano, contemporâneo do Pai Américo, recebeu este património na década de 40 e converteu-o em Casa do Gaiato com a sua audácia de pedinte, capacidade paternal, amor aos Pobres, sob a inspiração e a experiência do que se fazia em Miranda do Corvo e Paço de Sousa. Ainda com a mesma força, levantou também muitas pequenas casas, para famílias pobres que continuam a testemunhar a Caridade da Igreja nesta linda Freguesia de Santo Antão do Tojal.

Aqui, quase 1500 farrapões humanos se fizeram homens! — com dignidade.

Uma Casa do Gaiato não se faz somente com técnica e métodos!...

A pedra angular do seu fundamento é o amor e a vida totalmente doada.

O modo de viver nas Casas do Gaiato brota exclusivamente da autenticidade de quem a dirige. É um método muito exigente, não só para os Rapazes, mas sobretudo para quem os orienta, quer sejam homens quer sejam mulheres! O Padre Américo fala mesmo em heroísmo! Perdendo-se este requisito, destrói-se o essencial. O nome não diz nada. Pode, até, ser uma forma de enganar!

Houve, em Fátima, uma Casa da Gaiata, como também nos Açores e Madeira se instituíram casas do gaiato que, não pertencendo à Obra do Padre Américo, nunca se atreveram a pôr em prática o auto-governo, a vida familiar e o viver na sujeição contínua e permanente da Providência Divina — características essenciais de uma verdadeira Casa do Gaiato.

Para justificar esta mudança no Tojal, vários órgãos da comunicação apresentaram um relatório «que classificam de arrasante».

Qualquer trabalho destes, feito sobre informações falseadas e generalizadas, sem permissão de contraditório ou desmentido, torna-se, por si só, inexoravelmente demolidor!...

Sempre se usou este método nas ditaduras de todos os tempos e lugares!

O nosso Mestre também foi vítima da mesma habilidade! — Nos moldes daquele tempo. A história está cheia destes exemplos.

Sem responder à comunicação social que me vilipendia, quero esclarecer e aliviar os nossos Amigos, contando, só para exemplo, o que aconteceu com três irmãos, um dos quais, o David, acolhido, aqui, com apenas 18 meses e criado como filho querido, por quem dá a vida gratuitamente a Deus, nos pequeninos — a D. Conceição.

Há tempos, a mãe que o gerou tratou tão mal, aqui, em casa, esta senhora, diante dos seus filhos que lhe chamou os nomes mais obscenos!

Continua na página 4

Calvário

As mãos

COM os dedos hirtos e deformados, as mãos mal seguram a agulha para bordar. Há muito que iniciaram o processo de deformação que apresentam. Uma das mãos precisa de empurrar a outra com persistência, para que o trabalho delicado resulte. Mas o labor vai tomando forma e cor.

As mãos são algo de admirável que a natureza aperfeiçoou. O que elas não são capazes de realizar. Ajudam-nos a vestir, a lavar, a comer, a segurar, a saudar, a trabalhar.

Com elas, os artistas pintam e dão forma às esculturas; os músicos dedilham teclas e cordas e dão-nos melodias; os escritores apresentam-nos livros para ler. Com as mãos, os médicos fazem diagnósticos e cirurgias; os arquitectos e engenheiros planificam e projectam; os operários constroem e produzem.

Com as mãos, as mães acariciam os filhos e estes mexem e remexem em tudo, brincando. Os pedintes, de mãos estendidas, suplicam; com elas ao peito, os crentes oram. E até o salmista, referindo-se não às nossas, mas às divinas, exclama: «Ó céus, o que contemplo, são obras das Vossas Mãos».

Enfim, as mãos servem para fazer o bem ou para praticar o mal.

Mas estas mãos, retorcidas, parecem nada conseguir. No entanto, apesar de aparentemente inúteis, pegando na agulha e na linha, de muito são capazes. Vão conseguindo fazer aflorar, no pano, rosas estilizadas e coloridas. Destas mãos, meio arqueadas, muitas toalhas já saíram para a casa de senhores, encantados com a perícia de uma inutilizada.

A dona destas mãos já está connosco há cerca de quarenta anos. Na juventude começou a sofrer de artrismo e deixou de andar. O seu corpo foi-se deformando. É um exemplo de persistência e de coragem perante a adversidade. Não se lamenta. Vive com naturalidade, com simplicidade e até com alegria.

Há tantas mãos perfeitas que nada fazem. Andam nos bolsos escondidas e envergonhadas. E tanta gente a pedir-lhes a ajuda que elas teimosamente recusam. Das mãos podia sair imensa riqueza e generosidade de que tantos têm minguia.

É bom abrir as mãos para semear beleza e amor!

Padre Baptista

19 de Março

DIA de S. José, O que Deus escolheu para Pai visível do Seu Filho feito Homem. Descendente de David, é por José que, mesmo sem vínculo da carne e do sangue, o Filho do Homem se apresentará e será invocado como Filho de David, em cumprimento da promessa comunicada ao rei pelo profeta Natan: «Um descendente teu sentará no teu trono para sempre».

«Pai adoptivo», «pai nutrício» — nomes que vulgarmente se atribuem a S. José — Ele é pai de verdade, incontestado pelos seus conterrâneos que, ao manifestarem surpresa diante de Jesus a iniciar a vida pública, surpresa pela autoridade da Sua palavra e pelos Seus milagres, murmuram: «Donde Lhe vem tal poder? Não é Ele o Filho do Carpinteiro?...» E apesar do

tão pouco que os Evangelhos falam d'Ele, da discreção com que desempenhou a missão para que foi escolhido, a Tradição cristã consagra-o pela sua paternidade como chefe da Família modelo que é a de Nazaré, à qual «todo o regresso é progresso social cristão», como escreveu Pai Américo.

Foi neste dia, em 1932, que o seu Bispo o dispensou dos trabalhos que prestava no Seminário de Coimbra e o entregou ao serviço dos Pobres — missão que o levaria a «corromper a palavra padre no seu sentido verdadeiro: Pai», como escreveu e disse o Senhor D. António Ferreira Gomes na homilia da Missa que celebrou na Igreja da Trindade, no trigésimo dia da morte de Pai Américo. Terá sido esta oportunidade de referên-

cia a S. José uma coincidência talvez não premeditada, mas que constitui um indício da vocação, uma vez mais retomada na Mãe Igreja, à paternidade alargada àqueles que a vida tornou carentes da solicitude providencial que normalmente se tem no seio de uma família bem estruturada.

São José era operário e não consta que vivesse de outras receitas que não fossem do trabalho das suas mãos. O Padre Américo, a partir daquele dia, assume uma idêntica condição social: obreiro da rua, na rua, para que, mercê do seu empenhamento em que se sente desde logo um especial compromisso de Deus, a rua se vá remindo dos seus males.

Foi há setenta e quatro anos que começou a Obra da Rua. Começou realmente, sem qualquer espécie de juridismo em que se apoiasse — e viveu e cresceu e foi dando frutos ao longo desses primeiros oito anos de ser: frutos pelo que fez mas, mais importante ainda,

pelo que fez fazer no acordar de tantas consciências adormecidas.

Depois, desdobrou-se em outras acções: Casas do Gaiato, Calvário, Património dos Pobres, fomento da Auto-Construção e auxílio a auto-construtores; extensão de todas estas em Angola e Moçambique — e sempre porta aberta para tantos Pobres em aflição que se vão aliviando, pontualmente, como pode ser... Tal como uma árvore que o tempo foi cobrindo de ramos; e que mais tempo veio pedir a poda de alguns deles — mas a árvore fica, possivelmente, com mais pujança e vigor.

A pobreza, essa torna-se cada vez mais uma chaga universal para a qual os entendidos do mundo não acham remédio, porque falta a Justiça e sobejam orgulho e ambições. Multiplicam-se acções, organizam-se reuniões internacionais a vários níveis para estudar o problema, marcam-se datas para a erradicação da pobreza da face da

Terra... E ela vai-se dilatando como as escaras dos doentes acamados, como árvore doente na raiz.

São José, o Humilde, o Pobre! Foi-o por excelência. E por isso, decerto, Pai Américo pensou n'Ele ao escrever que «todo o regresso a Nazaré é progresso»; e também que «sem Humildade, nada!»; e ainda que «sem Pobreza (a virtude que enamorou Francisco de Assis) jamais se chegará aos Pobres». E assim, tomou a Humildade e a Pobreza como pedras fundamentais em que assentou a Obra da Rua. E como terceira pedra a estabelecer construção que se projecta para sempre, a convicção inabalável de que só é autêntica no mundo a paternidade que desce dos Céus, do único verdadeiro PAI. Por isso ele mereceu «a corrupção da palavra padre no sentido verdadeiro», mereceu o nome abençoado de Pai.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ENCÍCLICA DE BENTO XVI — Igreja e Justiça: O Cristianismo, escreve o Papa, nasce do encontro com um acontecimento, «como uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo». Não há, aqui, nada de abstracto e é por isso que Bento XVI dedica a segunda parte da sua encíclica ao que denomina «A prática do amor pela Igreja, enquanto 'comunidade de amor'».

A encíclica deixa claro que esta acção não é uma mera assistência social, um «serviço meramente técnico de distribuição» ou uma forma de activismo político-ideológico. «Toda a actividade da Igreja é manifestação de um amor que procura o bem integral do homem», pode ler-se.

Para o Papa, a atenção para com os mais necessitados é uma resposta ao amor que vem de Deus e exprime uma dimensão fundamental da Igreja, «um dos seus âmbitos essenciais», tão intrínseco à sua natureza como a própria celebração dos Sacramentos ou o anúncio do Evangelho.

Nenhuma destas dimensões pode estar separada uma da outra, como sublinha o Papa: «Se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com o ser 'piedoso' e cumprir os meus 'deveres religiosos', então definha também a relação com Deus. Neste caso, trata-se de uma relação 'correcta', mas sem amor».

PARTILHA — Assinante 74299, da Covilhã: «Já passei a média de vida, pois tenho 92 anos e, para não deixar complicações, acabei com a conta bancária... O restante será para a conta na farmácia, como de costume».

Assinante 32986, do Porto, «O resto é destinado à Conferência Vicentina que tantos encargos tem, mas eu penso principalmente nos doentes com a choruda conta da farmácia. Sei melhor porque sou idoso».

Agora, vem lá uma senhora, de Coimbra, com uma remessa de medicamentos.

E, também, de Setúbal, a assinante 25881, com 24 euros, um «chequezinho nesse montante para os vossos Pobres, com um abraço cheio de amizade», que retribuimos.

Assinante 68570, de Condeixa, 25 euros: «Nós continuamos o nosso caminho para ajudar os que precisam da nossa ajuda. Envio uma pequena oferta. É pouco, mas de boa vontade, principalmente necessária na farmácia. Bem-haja por tudo o que fazem pelos outros. Deus vos dê muita Força».

Lavadores (Praia), Canidelo: «Pequena ajuda para as grandes necessidades dos vossos Pobres».

Assinante 66226, de Coimbra, remanescente de assinaturas d'O GAIATO: «Os nossos netos estão um encanto, não é verdade? Com muita amizade». Respondemos no próprio dia.

Mais um Amigo, da Póvoa de Varzim, assinante 13439: «Esta participação vai um pouco fora de tempo porque estive internado por via dum cirurgia cardíaca». Correu tudo bem, graças a Deus!

A remessa habitual, do assinante 9790, de Perosinho, com um cheque

de 100 euros e uma carta cheia de doutrina.

Roupa e calçado, de uma Leitora de Buarcos.

Lisboa, assinante 18127, pôs a sua conta em ordem n'O GAIATO, e o resto «para o que entenderem melhor. Deus vos ajude nessa sublime tarefa de ajudar os Pobres, inclusivé através da leitura d'O GAIATO».

Coimbra, assinante 76160, com «um remanescente para socorrerem os mais necessitados».

Outro remanescente, do assinante 65519, do Porto, com um «obrigado pela vossa vida».

Mais um Amigo, de Pinhal Novo, assinante 35546, pôs o seu Jornal em ordem e, afirma: «Tenho pena de não poder mandar mais, mas as despesas com medicamentos são muitas, a que todos os idosos estão sujeitos».

Um Júlio, de Vila Nova de Santo André, assinante 75263, também presente na assinatura d'O GAIATO e o resto para os Pobres da Conferência.

Duas presenças de Lourdes, de Cacém, com «mais uns pozinho para os Pobres. Continuo a pedir muita saúde por vós».

Por fim, 30 euros «para as contas da farmácia das pessoas idosas, reformadas que não têm dinheiro para medicamentos».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CRISMA — Por amável convite do Pároco de Paço de Sousa, no dia 19 de Fevereiro, Domingo, foram confirmados na fé 24 rapazes, pelo Bispo Auxiliar do Porto, D. António Taipa, na igreja paroquial de Paço de Sousa. Estiveram empenhados na sua preparação, há vários anos, alguns catequistas, de forma que a celebração do novo Sacramento da iniciação cristã fosse séria. Tiveram a oportunidade de celebrar, antes, o sacramento da Reconciliação. A catequese continua para todos, em nossa Casa, às quartas-feiras, pelas 19 horas.

Depois da Missa, às 11 horas, seguiu-se o almoço, aberto à Paróquia e partilhado, no claustro do mosteiro, com alimentos que fornecemos. A nossa Bandinha actuou com tal brilhantismo que encantou as pessoas, ao despique com a Banda de Paço de Sousa.

Repórter X

VISITA A ALVALADE — Queremos agradecer à Câmara de Paredes por nos ter dado bilhetes para irmos a Alvalade ver o Sporting-União Sport Clube de Paredes, a contar para a Taça de Portugal. Também queremos dar os parabéns pela belíssima exibição do Paredes.

BALNEÁRIO — Estão-se a fazer obras no telhado do nosso balneário. Bem que já precisava há muito tempo. As telhas estavam partidas. Esperamos que corra tudo bem para que os Rapazes e as equipas visitantes possam disfrutar de um bom balneário.

POCILGA — Fizeram-se alterações nas portas das cortes dos porcos, porque estavam partidas e fracas.



Alguns dos nossos crismados, em 19 de Fevereiro.

Deus queira que as novas durem mais tempo.

EXCURSÕES — Têm vindo muitas Escolas, de toda a parte do País, visitar esta grande Família. Agradecemos os bens alimentares e os produtos de limpeza, tão necessários.

Ricardo Cruz

DESPORTO — Ora aí está!, a primeira derrota da época 2005/06 e logo, por um humilhante 6-1. Os nossos Seniores deslocaram-se a casa do S. C. Arcozelo (Gaia) e não resistiram à capacidade, tanto atlética como futebolística, dos Juniores daquele clube. A valentia e o carácter do «Bolinhas», do Abílio, do Gil, do Ilídio e do Ricardinho, com a boa-vontade do «Gai-vota» e de mais alguns, bem como os velhos disparates do Patrick, não foram o suficiente para travar o poderio daqueles atletas, que na época anterior tinham vindo perder a nossa Casa. Podíamos atribuir culpas à dimensão do campo, pelo facto de ser relvado, de não termos chuteiras próprias para pisos do género, mas não. Eu prefiro culpar e muito, alguns dos nossos rapazes que demonstraram mais uma vez, falta de personalidade. Temos que mudar a mentalidade!

Mas, à parte do resultado, fomos recebidos tão bem, que mais parecia estarmos em casa do que fora. Que gente maravilhosa: antes, durante e depois do jogo. Graças a Deus, temos gente muito nossa Amiga! E bem precisamos, para compensar a meia dúzia que anda por aí a meter o nariz onde não é chamada.

Pois é! Soube mal a derrota do fim-de-semana anterior e oito dias depois, os mesmos Seniores receberam os Juniores do Atlético Clube Alfenense, não se deixando apanhar nas malhas do comodismo, ganharam por 4-1, ao 2.º classificado da A. F. Porto. Um jogo completamente diferente para melhor. «Bolinhas» marcou dois golos e qual deles o melhor. É bom que cada um faça os golos que forem possíveis, mas não menos importante é trabalhar para a equipa sem regatear esforços. Parece cisma minha, mas não é! Patrick não tem emenda. Sempre que entra, a equipa fica a jogar com dez,

mesmo que ele esteja em campo. Tem qualidades, mas não tem feito que se coadune com as diversas situações de um desafio de futebol, sobretudo, quando as coisas não correm bem para o lado dele. É pena!

Quem esteve bem, foi o Tó-Zé a defesa-esquerda e Ricardinho na direita; «Pretinho» e Ilídio a médios-centros; Abílio como ponta-de-lança foi até à exaustão. A surpresa veio do lado do Erickson, que marcou um golo e jogou muitíssimo bem.

Em relação à comitiva visitante, sem comentários. Gente maravilhosa. Voltaram a pôr a sua casa à nossa disposição, sempre que a gente queira.

Como se pode ver, todos os fins-de-semana, temos jogos e muitos mais poderíamos ter, se todos praticassem a modalidade com um pouco mais de dedicação. Mas, treinar, faz calos e depois sabe mal o reverso da medalha. São ossos do ofício! No entanto, volto a dizer: só faz falta quem está.

Alberto («Resende»)

nossa amiga. Domingo será em S. Bartolomeu; e no seguinte em S. José.

VISITAS — Este fim-de-semana veio um grupo de seis rapazes fazer uns jogos. Depois, jogámos futebol.

Estiveram cá uma repórter e um fotógrafo a falar com a explicadora de Matemática, D. Teresa, sobre o seu trabalho de voluntariado junto dos gaiatos.

João Pedro

Lar do Porto

A OBRA DO GAIATO É UMA FAMÍLIA — A Obra como Família, só tem um ponto de partida que é Deus. Pai Américo inspirou-se pela Sagrada Escritura, permanecendo no coração do Evangelho.

Pai Américo é nosso Pai, então somos todos irmãos. A verdadeira fraternidade da Casa do Gaiato, manifesta-se no amor, trabalho e amizade. Pai Américo dizia: — «A maior riqueza que podeis levar está Casa, é o amor ao trabalho».

Nem todo aquele que já passou, é antepassado. Pai Américo foi alguém que viveu na sua plenitude. A fraternidade é a mais pura característica da Casa do Gaiato. A fé é necessária para quem quer viver esta espiritualidade, porque somos movidos pela força, actividade e o carisma de Pai Américo.

A nossa vida deve ser alimento para os outros, buscando, em primeiro lugar, a escala de valores. Devemos ser os faróis acesos na noite escura. Que nos lembremos sempre que a Obra do Gaiato morrerá se não formos Evangelhos vivos. Cada um de nós é uma providência para Deus, e os sinais, continuamente, estão na nossa frente. Por mais difíceis que as coisas pareçam e mesmo conquistando pequenos objectivos, não podemos parar. Porque amanhã podemos obter os maiores.

Miranda do Corvo

RAPAZES — O chefe do Lar de Coimbra, o Adriano, foi viver para casa de um casal.

Muitas pessoas falaram com ele, até o senhor Padre João. Todos eles lhe disseram que não devia ir e não concordavam.

Apesar disso, ele lá foi e todos nós lhe desejamos boa sorte.

Também temos o Mário que foi estagiar para Itália durante um mês. Para ele também boa sorte.

PÁSCOA — Estamos no tempo da Quaresma. Devemo-nos preparar e confessarmo-nos para que estejamos limpos e, depois dos quarenta dias, prontos a receber Jesus nos nossos corações.

PEDITÓRIO — Este fim-de-semana o senhor Padre João e mais cinco rapazes foram fazer um peditório à paróquia de Santa Cruz, que é muito

Estamos consciencializados dos momentos difíceis que a nossa Obra tem passado e os sérios problemas que os nossos Padres enfrentam, por caprichos de muito mau carácter que algumas pessoas têm, tentando a todo o custo denegrir a nossa vida.

Queridos irmãos, a rectidão e a verdade são duas virtudes para prepararmos a nossa vida.

Afinal de contas, somos filhos de um único Pai — o nosso Pai Américo. Mais uma vez, sejamos Evangelhos vivos.

Luis Alferes

Santo Antão do Tojal

POCILGA — Duas porcas pariram uns leitões muito bonitos, mas por azar morreram dois em cada ninhada.

Esperamos que, os que ficaram, possam crescer fortes e saudáveis.

CAMPO — Temos couve, fava, alho e também já estão os canteiros feitos para plantar a cebola e o tomate.

Que a mão de Deus esteja sobre a nossa plantação.

VACARIA — Pariu um vitelo muito giro. O nosso rapaz, o Mateus («Mata-Cães»), está muito contente por este parto se ter realizado com sucesso.

O NOSSO SORRISO — Em frente do refeitório, no pinheiro, anda um casal de rolas construindo o ninho para a nova criação. Que não apareça o jagunço a roubar o que não lhe pertence, afinal ele não criou a ave.

Na música da essência

*Vou bailando em baixo da chuva
Procuro par, mas não encontro
A dança torna-se mais rica
Espírito da arte
Corto a respiração
Nos meus passos
Nada mais importa
Já estou encharcado
Não paro nos meus passos
Guia-me o dote da vida
Com os olhos fechados
Não parece, estou a voar!
Dizem que é milagre
Tenho o dote, criei o milagre,
Sou agora uma gaivota
Em plena altitude bailando
Reconheço o meu par
Estou tão leve e...
Sou bailarino das nuvens
Estou triste e feliz
Com pena de não poderes
Estar nesta frequência amável
Onde a brisa é a música da vida.*

Abílio Pequeno

Setúbal

VACARIA — Nasceram mais quatro bezerros que foram postos no vitelheiro. Daqui a um mês passarão para as barracas que estão junto dos limoeiros. Passados três a quatro meses, passarão para os currais, para ao pé dos outros vitelos.

DESPORTO — Uma Senhora amiga ofereceu três pares de caneleiras. Agradecemos também a quem nos

possa dar mais alguns pares. Continuamos com os treinos aos sábados e domingos, para prepararmos a equipa para o Torneio Inter-Casas. Até lá, esperamos que alguém interessado nos venha desafiar para um jogo de futebol.

SNOOKER — Já acabou a fase de grupos. Só restam dezasseis participantes para os oitavos de final. Este sorteio já se realizou, ficarão só oito para os quartos de final.

Até conhecermos o vencedor, haverá muita emoção.

ESCOLA — Os rapazes da Escola Profissional de Setúbal tiveram o seu baile de finalistas.

Primeiro houve o jantar de curso. De seguida, receberam as faixas de finalistas. Depois, houve o habitual baile de toda a Escola. Esperamos que com o curso, eles encontrem trabalho para o futuro.

EXPOSIÇÃO — Os trabalhos em barro, feitos pelos nossos rapazes da Escola Primária, com a orientação do senhor Pinho, representando o Presépio, foram expostos na Biblioteca Municipal de Setúbal, na primeira quinzena de Fevereiro.

Os rapazes gostaram de ir ver os seus trabalhos expostos.

O próximo passo será para os Santos Populares.

António Loureiro

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Mais uma vez voltamos à presença dos nossos Leitores, em especial os nossos colegas, mas, agora, por razões que não agradam, a vida tem destas coisas e é feita também de tristezas.

Depois de prolongada doença, que não perdoa e há muito a apoquentava, faleceu, no passado dia 25 de Fevereiro, a mulher do nosso José Crisanto, Natércia, que nos deixou aos 58 anos, causando a maior consternação na Figueira da Foz, onde, além do desempenho da sua profissão como professora liceal, exerceu vários mandatos e actividade de Vereadora Municipal, além da sua permanente ligação a várias Instituições da cidade, entre outras iniciativas para que era constantemente convidada, dado o interesse com que defendia os que dela necessitavam.

Este trabalho foi devidamente reconhecido pelas forças vivas, não só do Concelho, mas, também, de outras áreas que se fizeram representar.

Também a nossa Associação esteve presente com vários elementos, mas não queremos deixar de renovar os nossos sentidos votos de pesar ao nosso colega Crisanto e aos seus filhos, Francisco e Gonçalo, a quem enviamos o nosso abraço.

No dia 28, o mesmo acontecimento atingiu o nosso colega Martins, que se encontra emigrado em Espanha, tendo sido atropelada, em Coimbra, a sua mãe, cidade onde vivia com outro filho, pelo que nos apressamos a enviar por aqui a nossa solidariedade, em especial ao nosso Martins.

Tal como no caso anterior, também estivemos representados por um elemento da Direcção, pois tratando-se de um dia de trabalho não nos foi possível mais, levando do mesmo modo o nosso abraço de solidariedade à família enlutada.

Esperamos voltar com notícias mais alegres e agradáveis.

Manuel dos Santos Machado

Dores de Família

De novo o problema dos maus tratos na Obra por um «equivoco».

O que se passou, eu já li no Famoso. O que vão fazer, as negociações entre o Senhor Bispo do Porto e o Governo, isso interessa-me, pois, a Obra da Rua é «de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Não é propriedade nem da Igreja nem do Estado. Somos uma família. Numerosa, mas família com mais ou menos 60 anos.

A afectividade e o carinho em que vivemos é uma realidade que nenhum governante pode questionar. O facto de ter acontecido, ou não, um episódio menos agradável, que nos importa. Não vai o Estado «nacionalizar» todas as famílias em que há maus tratos, mesmo que sejam maus tratos, o que não foi o caso.

Não estamos em situação de debando. Estaremos unidos até ao fim. Sou da Obra e esta é a minha família.

Qual é a instituição estatal em que os rapazes aí crescidos e hoje na vida pública sentem o que nós sentimos?

A hanra de ser gaiato e ter esta família não no-la tiram.

Se a Estado procura soluções para empregar os jovens que acabam cursos em Segurança Social e em Psicologia que invente outra farma, porque para além das rapazes da Casa do Gaiato, há tantos, tantos, por esse Portugal fora a necessitarem de ser educados...

Portugal tem tantos problemas a resolver com as crianças e com a terceira idade e vai apoderar-se da Obra de Pai Américo — que se deu até ao tutano, tal como todos os Padres actuais da Obra.

Estou solidário com a Obra neste momento difícil. Espero que as negociações não deixem cair os braços. Desistir é fugir dos caminhos que Deus quer e quis para esta grandiosa Obra.

Quim de Malanje

Malanje

Malanje é, hoje, uma cidade com perspectivas para o futuro. Apesar das marcas deixadas pela guerra, o povo, serenamente, refaz as suas vidas. São grandes as dificuldades físicas e humanas. Não é uma cidade de fácil adaptação, mas vão-se notando progressos a nível administrativo, na recuperação dos edifícios e no comércio. As vias de comunicação terrestres só agora são possíveis. Uma grande equipa de chineses está em força no terreno, compondo as vias do interior, tendo parte delas recuperadas.

Vamos para Casa. À entrada somos recebidos com sorrisos dos nossos irmãos. Os rapazes esperam e recebem-nos com alegria e educação. Não têm hábitos europeus e vão-se organizando nas tarefas da Casa e chefias.

Padre Telmo, com sua bondade, vai palmilhando a quinta para que tudo esteja em ordem.

Tem a seu cargo uma fazenda que lhe foi oferecida quando da tomada da nossa Casa pelo Governo, onde prestou assistência aos nossos rapazes que de lá saíram.

Nesta fazenda concentra toda a agricultura. A razão é simples, terrenos mais férteis e produtivos com nossa explicação aceitável. O tempo que permaneceu na Carianga deu-lhe um reconhecimento de confiança e de estabilidade.

Sabemos que o ideal seria junto das instalações da nossa Aldeia. Não só é difícil conservar as sementeiras colocadas, como os frutos vão desaparecendo antes do amadurecimento.

As nossas pocilgas estão repletas de porcos e leitões. Até quando? O povo circula pelas nossas picadas, como suas, a qualquer hora do dia ou da noite, fugindo assim aos controles policiais. Que fazer? Com que direito nos atrevemos a desviá-los destas rotas ao fim de tantos anos? Os rostos tristes e famintos deixam-nos quebrados e sem autoridade. Vamos repensar.

O dia foi longo e a noite convidamos. Às 21 horas silencia-se o gerador. Ouve-se o cantar das cigarras e dos grilos. As estrelas brilham e o luar enche-nos de esperança.

Júlio Silva

DOCTRINA

*Dizem que a lepra
faz perder a sensibilidade.
Nós andamos «leprosos»!*



PENSEI para mim que não seria verdadeiro amor ao Próximo incomodar um Doente na sua cama, fazendo deitar nela um desconhecido; e procurei outra solução. Pasmeei de ver naquele lugar, àquela hora, um mundo afanoso, sem dar por esta horrível anomalia! Dizem que a lepra faz perder a sensibilidade. Nós andamos «leprosos»!

NÃO se me dá do que o mundo pensa ou faz; eu cá tenho ânsia de viver como o Mestre quer que vivamos: amando o Próximo por Seu amor. Esta é a força que me levou aos Ministros da Nação. Um hospital com tudo quanto lhe diga respeito, para acudir às necessidades dos nossos irmãos indigentes. Um hospital onde o chamado médico da Aldeia possa aplicar o seu esforço, revelar qualidades, alargar o reino do bisturi, a bem da Humanidade. Hospital que poupe dolorosas caminhadas aos Doentes do nosso Povo. «Estalagem» onde possam ser entregues por amor e curados por amor, como vem na Lição. Porque é que há-de acudir tudo às grandes cidades onde estão os chamados grandes mestres, em vez de apetrechar a sério pequeninos hospitais do Povo, no meio do Povo, para bem do Povo, onde os médicos estudiosos se possam tornar mestres — porquê? O médico da Casa do Gaiato já anda a tratar do orçamento de todos aqueles instrumentos e aparelhos necessários à montagem do nosso hospital, que tem fachada, sim, mas não será de fachada. São centenas de contos. Quando tiver na mão todos os elementos volto a Lisboa. Quero pregar na Arcada o amor do Próximo.

TER camas feitas, onde possa deitar Doentes, cada um em sua cama. Eu acredito no coração dos homens. Sobre tudo acredito nas passadas que se dão por amor do bem das almas. É um amor terrivelmente forte. Quando o «pobrezinho» saber dos homens chegar a destruir o mundo, este amor fica de pé — e só este amor é que fica!

D. Amén. 5!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Benguela

Não cruzamos os braços

SINTO um desafio tremendo da pobreza e da miséria à volta da nossa Casa. Quem pode ficar indiferente? Há o grave perigo da insensibilidade, à custa de tantos anos passados a ver o mesmo espectáculo. Tal, porém, não acontece. O amor não envelhece, nem se cansa jamais. Será intolerável que alguém, com o coração de carne, se feche no seu egoísmo, enquanto o clamor das crianças famintas, penduradas ao colo das mães, a chupar os peitos secos, entra pelos ouvidos e fere o olhar dos pais, mães e irmãos.

Não cruzamos os braços. Ganhámos uma experiência muito rica, que temos vindo a partilhar convosco. Falámos, muitas vezes, na montanha de problemas que se apresenta perante nós. Estamos a tentar subir, de mãos dadas com os mais pobres e miseráveis. Estavam caídos no meio da estrada da nossa vida. Não passámos por

cima deles, nem ao lado. Demos-lhes as nossas mãos. Ajudámo-los a pôr-se de pé e a caminhar. Há um capital humano que é preciso pôr sempre a render. Por isso, a primeira contribuição está em dar a mão a quem quer andar.

Quem nos dera revelar ao povo que tem os olhos postos na Casa do Gaiato a mesma compaixão de Jesus Cristo pelas multidões. Vejo num horizonte muito longínquo as terras donde saiu a maior parte da população que nos rodeia. Há uma porção considerável que vive directamente dependente da ajuda que lhe prestamos. Bem desejamos que regresse às suas aldeias de origem. Mas como? Lá, não têm escola para os filhos que nasceram à sombra da Casa do Gaiato. Não têm hospital para cuidar da saúde. Nem remédios, nem roupa, nem o carinho que os anima e fez renascerem. O nosso coração está metido no coração

deles e o deles está metido no coração da Casa do Gaiato. Por outro lado, sem a vossa ajuda material, não é possível levar por diante o projecto profundamente humano que assenta no dom da nossa própria vida por amor. Aparentemente parece um círculo vicioso. Mas não é. Ainda não chegou a hora, mas virá.

Deixai-vos animar pela mensagem evangélica deste tempo da Quaresma. Se assim for, não vos cansareis de ajudar a prover às necessidades materiais e espirituais urgentes dos que esperam por vós. «Jesus, ao ver as multidões, encheu-se de compaixão por elas». Vejo-as a caminhar na direcção da nossa Casa, cada vez em maior número, à medida que a falta de chuvas nas terras da fatura do milho e outros alimentos, arrasta consigo a fome e a carestia da comida.

Antes de me sentar para vos escrever, passei pelo Banco para levantar dinheiro e comecei a ver o fundo da conta. Não posso mandar embora a gente de mãos vazias. Naquele tempo, o Mestre dizia aos Seus discípulos incrédulos: «Dai-lhes vós de comer». Agora, digo eu: «Ajudai-me vós a dar-lhes de comer». É a Fé e a Esperança que suportam as minhas palavras.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

É preciso que a Caridade volte às mãos de quem saiba amar a Deus e ao Próximo. Amar sem fazer contas nem política.

PAI AMÉRICO

Setúbal

Servir os Pobres

OS Pobres são os nossos senhores. Este é o lema dos Vicentinos, e é também por extensão, o de todos os que servem os Pobres desinteressadamente, com o fito no Reino dos Céus. Por isso, é também este o lema maior no nosso íntimo, a motivação única que nos põs em dia, e põe Hoje, no serviço dos Pobres, por amor do Reino dos Céus.

O que nos faz servir os Pobres não é, em primeiro lugar, uma causa social. Realizar obras de Caridade é o que nos faz dar a vida por Eles. Daqui surge o bem comum, não como causa primeira, mas como consequência da acção.

Quererem pôr-nos em pé de igualdade com os agentes profissionais da solidariedade social é um erro, um equívoco, como Pai Américo pôs a claro no seu escrito sobre o tema.

A nossa força e o nosso ser vem-nos da Igreja nossa Mãe. Ela nos enviou a servir os Pobres deste modo. Os critérios do serviço são os de Cristo, Cabeça da Igreja de que somos membros. Amar como Ele amou, dando a vida como Ele a deu por todos nós.

A Pobreza continua a confundir o mundo, a meter medo e a causar rejeição: «Se queres ser perfeito, vai vender o que tens, dá-o aos Pobres, depois vem e segue-Me».

Só sabemos servir deste modo. Só queremos viver deste modo.

A Pobreza de Jesus enriqueceu-nos a todos. Com ela queremos também enriquecer os que nada têm.

Não sabemos amar com orçamentos à cabeça, servir os Pobres com base no dinheiro. A maior riqueza que Eles têm, são Eles mesmos. Ou a fazem render ou serão autores da sua própria miséria.

Embora experimentando as contradições e enganos do nosso tempo, continuamos a dizer aos nossos, que são co-responsáveis na sua própria salvação. O nosso lema, que também é o deles, aponta o caminho: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes».

Padre Júlio

Tribuna de Coimbra

Pelas paróquias de Coimbra

ESTAMOS, de novo, no tempo quaresmal; tempo de renovação da nossa vida cristã. Cumprindo a boa tradição, aí vamos nós pelas paróquias da Cidade de Coimbra levar a mensagem da Obra da Rua; mensagem do Padre Américo. Começamos na vetusta igreja da paróquia de Santa Cruz. Foi nela que Padre Américo iniciou a sua pregação em favor dos Pobres. Somos apresentados à comunidade com palavras de muito apreço e alguma emoção. Foi naquele púlpito emblemático que Pai Américo, de palavra certa, não rebuscada, denunciou corajosamente a inércia dos poderes do seu tempo em relação ao mundo da pobreza, recordou o Cónego José Bento.

Todos os anos apresentados como se da primeira vez se tratasse. Depois virá S. Bartolomeu e outras igrejas da Baixa onde se continua a recordar com saudade a passagem e testemunho do Padre Américo. É o segundo Domingo da Quaresma. No terceiro, a movimentada paróquia de S. José. Já faz parte do roteiro das actividades quaresmais: «o dia do Gaiato», como refere Padre João Castelhana. É uma belíssima jornada de partilha fraterna, a par das conferências quaresmais orientadas por teólogos e pastoralistas de renome. A presença de um Padre da Rua caracteriza de outro modo o que a doutrina enuncia. Somos acolhidos com uma especial ternura em todos os lados: a ternura do Evangelho, o amor de Jesus. A nossa pregação é Ele mesmo, a Sua pessoa, o Seu destino, a Sua Paixão, Morte e Glorificação, como manda Pai Américo: «Só sei dizer Cristo e Cristo Crucificado»,

na sua vida aos Pobres «dos sem eira nem beira». Toda a gente nos conhece e sabe ao que vimos: «é o peditório dos gaiatos!»

Este ano pensamos concretizar o sentido da partilha: a instalação de um sistema de aquecimento a lenha — recurso natural abundante nos nossos olivais e pinhais — para tornar mais confortáveis as camaratas, quartos e outros espaços da nossa Casa. Para que sejam mais aconchegados os nossos Invernos que tendem a ser cada vez mais rigorosos. É para dar a todos, principalmente aos mais pequeninos da Casa-Mãe, melhor conforto e aconchego, já que não tiveram uma família estável ou uma habitação condigna. No final de uma das celebrações apareceu logo alguém que se prontificou a oferecer uma caldeira... Virá certamente ainda o valor da instalação, ou quem sabe, se a nossa escola fechar, aproveitaremos o que lá está instalado. Temos muita pena que os nossos governantes tão pouco nos conheçam... mas o povo, esse sabe; sabe e distingue. Os nossos peditórios são, de facto, ocasiões maravilhosas de reencontro desta grande família que é a Obra da Rua. Este ano iremos também pedir ardentemente ao «Senhor dos Passos» que nos envie um ou dois cirineus, pois que alguns dos que têm calcorreado esta calçada dolorosa estão com os pés feridos. Padre Telmo está à espera e à nossa porta também se ouvem gemidos de dor, de cansaço, de sofrimento. Quem se oferece? Respondei Vós, Senhor dos Passos!

Padre João

Casa do Gaiato de Benguela

Nova dinâmica da nossa vida

CADA ano que passa é uma marca na história que se faz na vida da nossa Casa. Marcas que recordam coisas que fizemos bem ou mal, sonhos que realizamos ou ficamos por realizar. Quando se chega ao fim do

ano fazemos um balanço da vida da nossa Casa.

Tivemos três reuniões consecutivas com os chefes para analisarmos os projectos de vida e ver até que ponto chegámos. Fizemos a revisão, os avanços e retrocessos

ao longo do caminhar. A avaliação não foi um momento de lamentar por aquilo que se deixou de fazer, mas foi exactamente para descobrir os impedimentos, os erros, as dificuldades, e buscar novas formas de eliminá-los.

Sentimos a necessidade de renovar a vida da Casa, convidando um novo grupo de chefes para assumir as várias responsabilidades da nossa vida. Confesso que este grupo, composto por rapazes muito novos, cheios de vida e vontade de trabalhar, trouxe nova dinâmica.

Temos um novo chefe maior e cinco novos das várias casas. É bonito vê-los a servir os seus irmãos com espírito de entrega e dedicação.

Pai Américo assim desejou que a Obra fosse sempre «de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes».

São eles que têm de colaborar em tudo para que todos se sintam bem e tenham consciência de que somos uma família e cada membro tem o seu lugar e um papel a desempenhar.

Os chefes têm uma grande missão de fazer um acompanhamento sério e directo aos Rapazes nas várias actividades. São os que orientam e ajudam os outros a crescerem, como homens.

Desejamos muita força e coragem aos novos responsáveis e agradecemos o exemplo e testemunho que deram os antigos chefes.

Padre Custódio

Casa do Gaiato de Lisboa

Continuação da página 1

A influência deletéria na educação dos três gaiatos que a mãe exerce com as suas visitas, vamo-la suportando dolorosamente!... Agora, mandá-los dormir, uma noite por mês à casa da mãe, não como manda o Tribunal, mas como permite, o que é diferente, não autorizei. Foi quanto chegou para os relatores e jornalistas afirmarem e escreverem que contrario as ordens do Tribunal e proibo os contactos dos jovens com as famílias.

Padre Acílio